

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SCENAS

DA

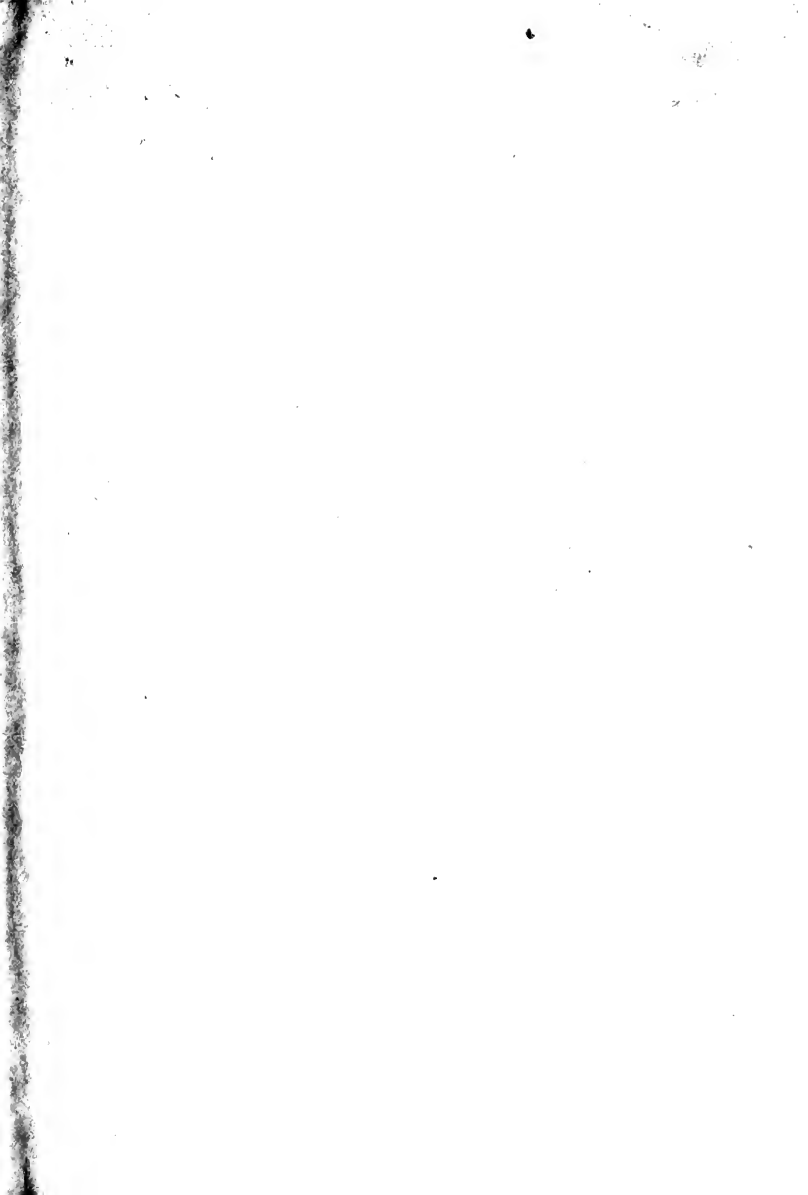
HORA FINAL



R 812707



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton







SCENAS
DA
HORA FINAL

TRADUZIDAS DO INGLEZ

E

PREFACIADAS

POR

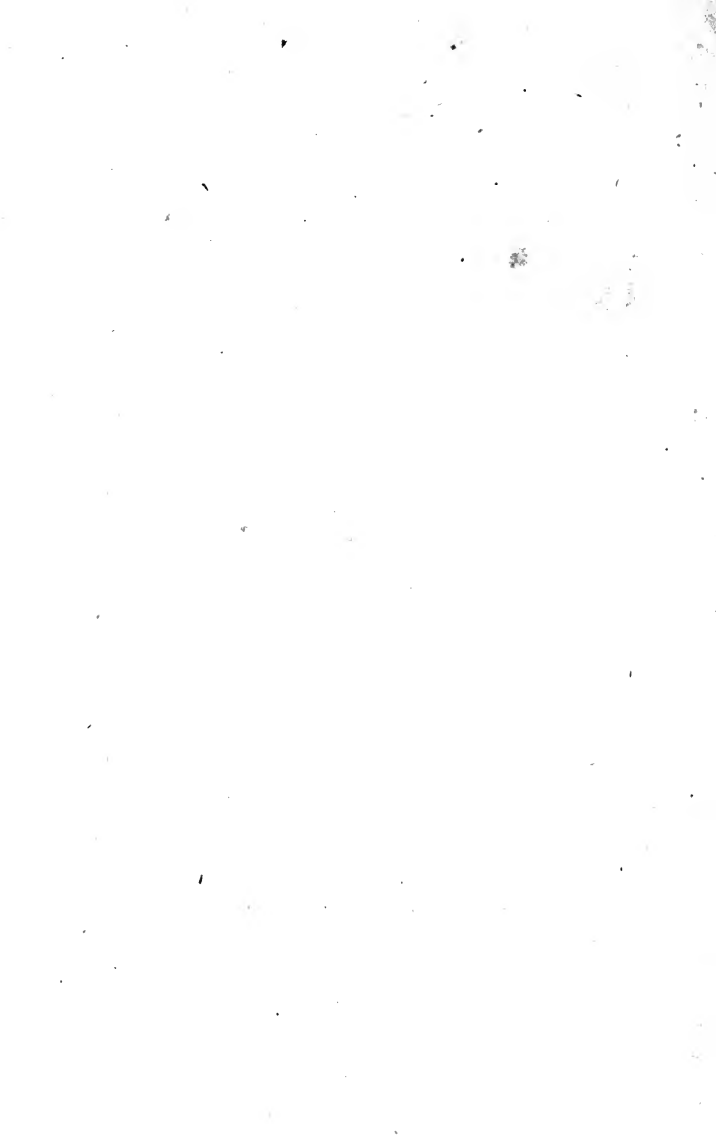
CAMILLO CASTELLO BRANCO



PORTO
LIVRARIA PORTUENSE — EDITORA
121, Rua do Almada, 123

—
1878

PREÇO REIS 240



SCENAS

DA

HORA FINAL

TRADUZIDAS DO INGLEZ

E

PREFACIADAS

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO



PORTO

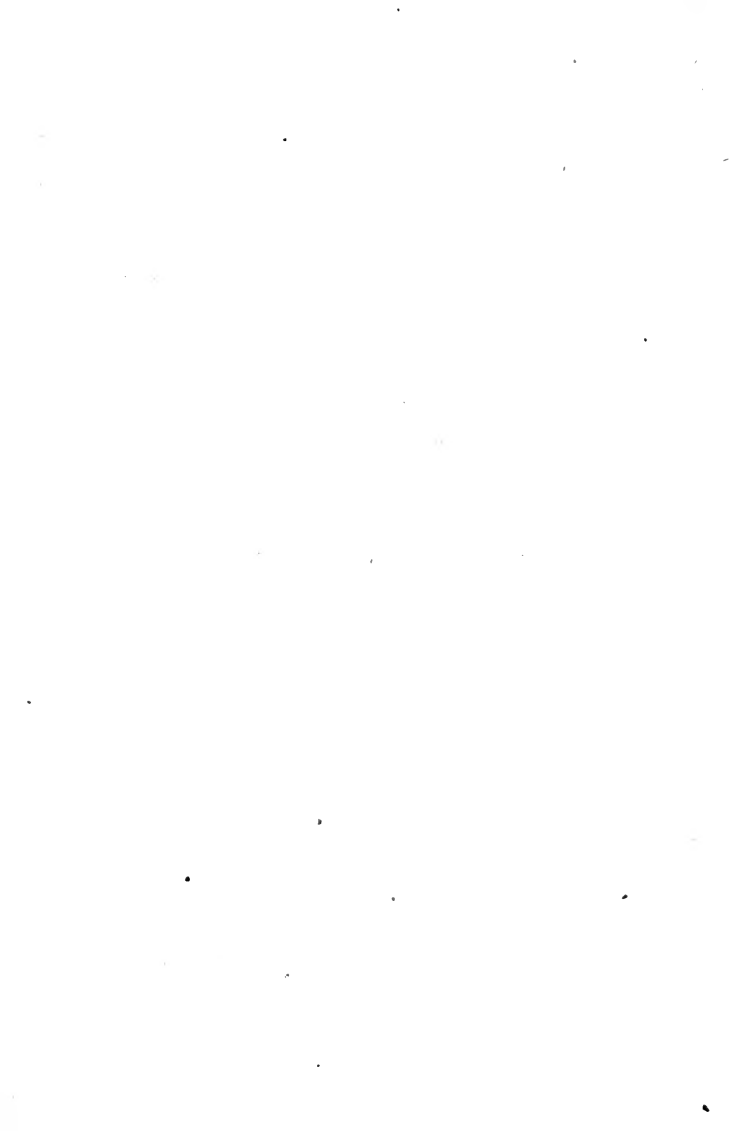
LIVRARIA PORTUENSE — EDITORA

121, Rua do Almada, 123

—
1878

A

José d'Andrade Gramacho



N'aquella hora em que eu sentia apagar-se-me a consciencia da desgraça, que em mim se chama «a rasão», estava V. Exc.^a a meu lado. Perguntei-lhe se um rapaz de dezenove annos, que eu vira morrer de febre cerebral, depois de quatro dias e noites de agonia, têve a previsão da morte. V. Exc.^a disse-me que não. Depois, li um livro que era, ao mesmo tempo, commentario e justificação da resposta de V. Exc.^a. Traduzi-o, e peço licença para lh'o dedicar.

Seria retribuir uma palavra confortadora com algumas paginas superfluas para V. Exc.^a; mas eu não dedico o livro ao medico: é ao pae que já viu morrer-lhe um filho estremecido.

S. Miguel de Seide,
17 de Fevereiro de 1878.

Camillo Castello Branco.



Nas horas mais crueis que a Providencia me ha dado — quando a saudade de um morto a quem o meu coração chamava filho, me quebrava o restante pulso com que tantas e grandes desgraças dobrei — li, n'essas horas, este opusculo nas columnas de um periodico inglez, a *Quarterly Review*.

Eu tinha assistido aos paroxismos de Manoel Placido — aquelle môço gentil que, cinco dias antes, era ainda a exuberante alegria da felicidade sem

intercadencias de tristeza, — a flôr dos desenove annos com a raiz já ferida de morte e a corolla cheia de perfumes.

A sua doença e ao mesmo tempo agonia durára quatro dias. Cheguei á beira do seu leito cercado de amigos, quando a febre cerebral deixára entrar em sua alma um raio de luz, uma intermittencia de rasão. Manoel viu sua mãe e cuidou que ella poderia dar-lhe, segunda vez, a existencia. Mas elle não acreditava na morte. Quem tem desenove annos, e nunca chorou, nem duvidou dos contentamentos infinitos da mocidade, não receia que um subito calefrio, uma dôr de cabeça, uma convulsão a espaços, e uma anciedade febril sejam a vanguarda de molestia mortal.

Julguei-o salvo quando a sciencia o considerava perdido. Beijara-me com expansiva ternura, fitara-me com os seus bellos olhos negros e brilhantes, contava-me os descuidos da sua saude,

mostrava-me a epiderme lacerada pelos causticos, e pedia-me que o trouxesse para o seu quarto de S. Miguel de Seide.

Mas, uma vez, amparei-o nos braços e senti na rigidez inflexa d'aquelle corpo que a vida se lhe despedaçava nas convulsões do cerebro, e o restante corpo era já algido como deve ser a sua mortalha n'esta fria noute de novembro.

Dez horas antes de expirar, vestiu-se em ancias com umas fadigas aparentemente afflictivas. Queria vêr o sol, queria esfriar-se no vento do mar, sentia-se forte; se era a morte que o assaltava na escuridão de um quarto infecto, queria affrontal-a, desafial-a para a grande luz d'aquelle bello dia de 17 de setembro.

Tinha desenove annos, e via-me vivo, a mim, velho, coberto de cans e lagrimas, alanciado de dôres, e assim me vira sempre, desde creancinha, quando os meus braços o er-

guiam até aos lábios, e o meu coração lhe chamava filho. Vestiu-se pois, e foi, amparado apenas, até á extrema de um corredor, onde recebeu o ultimo beijo da luz. Aqui, obedecendo aos meus rogos, pediu-me agua, bebeu-a soffregamente, arquejando, e disse-me: «Eu já sabia que não me deixavam sahir. Contavam que eu cahisse de fraco. Enganaram-se. Eu não caio.»

Queria dizer que aos desenove annos não podia morrer.

Deitei-o na minha cama e despi-o. Pediu-me que chamasse sua mãe. Ella cahiu de joelhos deante d'elle, que a contemplava com lôrvo spasma, ou a chamava com as meigas palavras de sua animada infancia, ou retinha a respiração estortorosa para ouvil-a soluçar, como se aquelles gemidos lhe soassem estranhos, inexplicaveis. Quando ella o transportava, sósinha, nos braços robustecidos pela angustia e pelo amor, de uma cama para outra, o moribundo dizia-lhe sorrindo: «A ma-

man póde lá com este Hercules!» E olhava espavorido para o seu corpo escoriado, roixo de pús e sangue.

Depois, nas ultimas sete horas, taramudeava gemidos longos, offegantes. Parecia debater-se em angustias enormes, intimas, da alma, da saudade da vida, como se, afinal, conhecesse que era forçoso morrer aos desenove annos.

O respirar arquejante abateu, enxuguei-lhe o rosto banhado de suor pegajoso e frio, curvei-me sobre os seus olhos fixos embaciados, senti-lhe a derradeira vibração de todo corpo, e no dedo sobre o pulso a ultima contracção da arteria. Voltaram-no morto, com os olhos ainda abertos para mim. Havia nos seus labios uma expressão dôce semelhante a um sorriso de conformidade com a vontade da Morte que, aos desenove annos, o fulminára.

Desde aquelle instante, as minhas lagrimas só póde estancar-as o pejo

de as mostrar. Houve para mim uma consolação: a certeza que me deu a sciencia de que Manoel não soube que morria, não teve consciencia da sua dilaceração, anciava sem dôres, não sentiu as vibrações que o convulsionavam quando os seios do cerebro se iam esphacellando queimados pela febre.

Este beneficio, que pouco vale á minha eterna saudade, devo-o a este livrinho. Ha confortos aqui para os que temem os trances ultimos da vida, e confortos, ainda mais necessarios, para os que assistem ás agonias inconscientes de um amigo, de um filho! Ah!... vêr morrer um filho!

Meu querido Manoel, acabaste sem saber o que são dôres da alma. Não chegaste a vêr morrer tua mãe. Parabens! ó minha santa saudade!

Se Deus te pedisse contas da tua vida, dir-lhe-hias: «Eu tinha desenove annos!» Se fosses condemnado e repulso da presença do teu creador, as lagrimas que te choram aqui moveriam

o juiz das acções da tua infancia a uma piedade que para ser misericordiosa não precisaria ser divina.

Adeus, Manoel! filho do meu coração.

2 de Novembro de 1877.



SCENAS DA HORA FINAL

John Hunter considerou o sangue a substancia principal da vida.

O sangue, extrahido dos alimentos por mysteriosa elaboração, filtra ás diversas partes do corpo a nutrição e a vida; e, restaurando as continuadas perdas, recebe e regeita parte das materias dessoradas, e por tanto inuteis, que seriam nocivas ao jogo harmonico do maquinismo. Debilitam-se as funcões, se o sangue se apouca além de um determinado grão; restauram-se, porém, logo que o sangue readquirira as proporções normaes. Geralmente, o

cerebro é o primeiro órgão impressionado nas perdas de sangue; basta uma pequena mudança de posição para modificar a quantidade de sangue que existe no cerebro, e determinar a sensibilidade ou pêrda de sentimento. Não temos órgão algum que possa subsistir, se carece da san e regular circulação do sangue. Logo que o sangue pára ou se torna insufficiente em quantidade, ou defeituoso em qualidade, é inevitavel a morte. Disse Seneca: «Nascemos de uma só maneira, e morremos de muitas.» Porém, se as doenças mortaes são sem numero, quer pelos órgãos que ferem, quer pelo que são em si, todas podem reduzir-se á destruição da circulação sanguinea, semelhantes aos raios de um circulo, que convergem de todas as direcções a um só ponto.

O coração é o impulsor da massa do sangue. Funciona em nosso organismo á maneira de bomba, independente da nossa vontade, regulando

quatro mil pulsações por hora, e assim prosegue, ás vezes, durante um seculo. Mas, em nosso corpo mortal, orgão nenhum, qualquer que seja a sua estructura e acção maravilhosa, está resguardado de doenças e lezões. É o coração a séde de numerosas molestias que lhe destróem a força contractil e expansiva. Logo que a actividade do coração cessou, o sangue pára. A verdade d'estes principios resalta mais evidente nos casos extremos; assim é que os effeitos de paragem do coração são mais sensiveis quando a paragem é repentina. Abundam os exemplos. A cólera, a angustia, a alegria, o terror incutem-se no centro da circulação. Todas aquellas paixões, quando são intensissimas, podem paralyzar, a subitas, o coração, ou ainda laceral-o pela commoção causada. De egual modo, podem causas physicas suspender de todo a actividade do coração: taes são uma pancada no es-

tomago, uma queda de grande altura, um esforço violentissimo.

Não são menos essenciaes á circulação os pulmões. A onda do sangue, para se volver ao coração, percorre os seus innumeraveis vasos; e, regeitando pelos poros as materias impuras que recebeu, adquire, a trôco, provisão nova de ar. Esta operação cessa nos afogados, que não podem aspirar o oxigenio reparador, e nos enforcados, porque a communição do ar com os pulmões lhes é interceptada; cessa tambem nos casos em que o peito e abdomen são tão comprimidos que não podem funcionar; e tambem cessa quando ha lezão d'aquella parte da medula espinal, d'onde partem os nervos concorrentes aos movimentos musculares da respiração. Grande variedade de accidentes e molestias operam de alguma d'aquellas fórmias; dando porém sempre em resultado que o sangue impuro estanca-se nos pulmões e obs-

true os conductos do ar. O respirar é indispensavel á vida, porque sem ar não ha circulação sanguinea, ou, se a houvesse, seria, em vez de saude e vida, corrupção e morte.

O cerebro é o centro da força nervosa. D'elle depende o pensamento, a acção e o sentir; porém, a paralyisia do coração e dos pulmões é sempre o effeito immediato das lezões mortaes. A circulação e a vida suspendem-se na apoplexia e na congestão. Seja qual fôr a séde de uma molestia, coração e pulmões têm relação com ella, quer directamente, quer mediante os nervos e cerebro; e, na maxima parte das enfermidades, aquelles orgãos se extenuam simultaneamente, por maneira que muitas vezes é difficultoso decidir qual d'elles é o mais atacado.

Raras vezes a morte é tamsómente consequencia da velhice. Nas pessoas mais avançadas em annos, ordinariamente apparece uma doença que vibra o ferro á raiz da arvore; mas tambem

succede que o corpo por si mesmo se gaste, e, sem dôr nem molestia, se extenua insensivelmente. Este effeito da idade todos os velhos o experimentam mais ou menos. Os orgãos esvãem-se de vitalidade, as funcções desvigoram-se, a vista escurenta-se, indurece a audição, o tacto perde a sua delicadeza, e, posto que não haja indisposição local nem desmancho na economia geral, o certo é que a vida desaparece. Os velhos são, pelo ordinario, indolentes por temperamento; são lentos em seus movimentos por necessidade physica; a rigidez dos ligamentos, a fraqueza dos musculos, tiram-lhes aos membros a flexibilidade que já tiveram. Costumava Bentley dizer que elle era como a sua velha mala de viagem, que ainda se conservava não lhe bolindo; mas que se faria pedaços se outra vez a expozessem aos encontrões d'outro tempo. Lord Chesterfield, quando já decrepito, não podia soffrer o movimento accelerado de uma carruagem;

e, quando passeava de sége, dizia, alludindo ao vagar com que andava a parelha : « Ando a ensaiar o meu enterro ». Esta phrase, entre muitas outras, demonstra que o seu espirito não tinha parte na decadencia do corpo; não é todavia raro achar, ainda entre pessoas menos notaveis, as faculdades intellectivas permanecerem intactas em meio de enfermidades corporaes. A memoria raras vezes se defende dos insultos da velhice. Semelhante a uma mola enferrujada, o cerebro retém ainda as impressões antigas, mas não as recebe novas. Dá-se até o caso de se esvaírem de todo as recordações. Fontenelle esqueceu-se do que tinha escripto ; porém, dado que a idade lhe desluzisse a memoria, não lhe murchou as florecencias da juventude. Observava elle o progredir dos seus achaques, e gracejava : « Não tardo a descompar, dizia elle, e já mandei adiante o grosso da bagagem ». Quando se liam a Brydone as suas *Viagens em Sicilia*, não se lem-

brava elle de ter visto os sitios e as scenas descriptas e menos ainda de ser elle o auctor de tal livro; mas entendia o que lhe liam, achava interessante a historia, e duvidava da verdade d'essas viagens!

Depois d'isto, cac o corpo em fraqueza completa, lethargia-se o entendimento, reverte-se o homem a uma segunda infancia, que, na verdade, pouco se parece com a primeira. Sir Walter Scott, trabalhado por crescentes achaques, fallava de si, gracejando, como quem voltava por onde viera ao ponto d'onde partira; accrescentava, porém, que lhe seria muito agradavel mudar outra vez os dentes. Esta observação assignala profundamente a differença que ha entre o amanhecer e o anoitecer da vida. Infancia e velhice ambas são privadas de dentes; mas os dentes de uma veam, e os dentes da outra vão-se. Diz judiciosamente Paley que a decrepidez physica e intellectual pode saborear-se tanto em

uma boa poltrona como a juventude na sua exuberancia de vida. Repugnamos a idéa de morrer a pedaços ; mas convençamo'-nos que o mais suave de todos os agentes destruidores é o tempo. Os órgãos dègeneram sem dôr e extinguem-se simultaneamente. A digestão enfraquece, o sangue depauperase, as pulsações do coração retardam-se, e, por insensível gradação, attingem finalmente os órgãos o derradeiro termo. Augmenta a somnolencia ao passo que as faculdades diminuem ; passamos do viver ao dormir, e do dormir ao morrer. Aos oitenta annos, Moivre dormia vinte horas em cada vinte e quatro, até que enfim adormeceu para sempre.

Alguns individuos presagiaram o seu proximo fim. Mozart escreveu o seu *Requiem* convicto de que o compunha para si mesmo. Hogarth, convicto de que morreria em breve, quiz tractar um ultimo assumpto ligado a essa idéa. Perguntavam-lhe os amigos o que ia

elle pintar. Respondeu: «O fim de tudo». — N'esse caso — replicou-lhe alguem sorrindo — será tambem o fim do pintor. — «Sim — volveu Hogarth em tom melancolico — E quanto mais cedo eu findar melhor será». No dia seguinte, deu-se á tarefa, e trabalhou sem repouso; e, logo que deu o ultimo traço, quebrou a palêta, exclamando: «Acabei!» A gravura do seu quadro appareceu no decurso do mez de março, com o titulo de *Finis*, e no fim de outubro o nosso grande pintor de costumes era já morto.

Antigamente, esses presentimentos eram attribuidos a causas sobrenaturaes; porém Hunter, em poucas palavras, delucidou o mysterio, se tal nome lhe quadra. Diz elle: «Algumas vezes, sentimos em nós que se nos vai acabar a vida, porque as faculdades vitaes se nos affrouxam, e os nervos como que dão aviso d'isso ao cerebro». Este homem illustre confirmou com o proprio exemplo o phenomeno

cuja explicação racionalmente dera. Um dia, ao sair de casa, disse que morreria se uma certa discussão que se havia de levantar no amphitheatro, chegasse a proporções irritantes. E, de feito, um collega desmentiu-o. Esta injuria brutal realisou o presagio, pois que Hunter expirou pouco depois. A experiencia dera azo áquelle presentimento; soffria desde muito do coração, e sentiu que a doença attingira o alto ponto em que a menor commoção podia determinar a crise.

Circumstancias que, n'outras occasiões seriam despercebidas, acceitam-se como presagios quando a saude está abalada. A morte de um contemporaneo consideram-na os velhos como um aviso, e a perspectiva da morte contribue fartas vezes a produzi-la, porque um ligeiro abalo é bastante para aniquilar forças já extenuadas pela idade. Diz-se como em proverbio que a confiança no medico é meia cura, porque o confiar mantém a esperança

e dá ao corpo um esteio moral; porém, se a desesperança se ajunta á doença, eil-as a reagir uma contra a outra, e uma doença sanavel volve-se muitas vezes em doença mortal. É mais singular o caso de Wolsey. Na vespera de morrer, perguntou que horas eram. Disseram-lhe que passava das oito. «Oito horas! — exclamou — não póde ser! Oito horas! nada! não são oito horas! porque a essa hora deve morrer o vosso professor!» Enganára-se no dia; mas quanto á hora, não. No dia seguinte, quando soáram as oito horas, o seu espirito alvoroçado desatou-se do involuero mortal. Os espectadores acreditaram que a hora da morte lhe fôra revelada; quanto a nós o que presumimos é que tal impressão em seu animo procedera de algum prognostico de astrologia que no seu entender teve o valor de revelação.

Tem-se visto pessoas perfeitamente saudaveis morrerem fulminadas pela

simples especção da morte. Succedia outr'ora com frequencia os que morriam de morte violenta citarem os seus assassinos a comparecerem, dentro de prazo marcado, perante o tribunal divino. São conhecidos e incontroversos casos d'esta especie, em que os assassinos, succumbindo á influencia mixta do pavor e do remorso, morreram de facto no tempo prefixo. O pavor mata mais depressa que a peste. Dous personagens por egual dissolutos, a princeza Gonzaga de Clèves, abbadessa de um mosteiro, e Guize, arcebispo de Reims, uma noute, deu-lhes para se divertirem indo visitar uma freira no seu cubiculo, e murmurarem-lhe as exhortações que é de uso fazerem-se aos agonisantes. Em meio de tão execravel farça, disseram um ao outro: «Ella morre!» Dito isto, a joven monja morreu sob o golpe de terror que sentira, e os impios logo conheceram que o premio da sua brincadeira era um cadaver. Montagne falla de um homem a

quem perdoaram estando já no cada- falso ; mas tinha morrido quando espe- rava o golpe fatal. O cardeal de Riche- lieu, com o fim de arrancar confissões ao cavalheiro de Jars, tambem o fez su- bir ao patibulo, onde o cavalheiro se houve com a maior coragem e até com rosto prasenteiro ; quando porém bai- xou o colo sobre o cêpo, e, logo depois, lhe disseram que estava perdoado, acharam-o entorpecido n'um lethargo que durou muitos minutos. Apesar da sua grande e apparente indifferença pela morte, sentira na pausa terrivel que precede o golpe do cutello uma agonia que o ia matando. Já cede- ram um condemnado aos medicos, os quaes, para experiencia do que póde a imaginação, lhe disseram que o iam fazer morrer por meio da sangria — o processo mais suave que a sciencia conhecia. Pozeram-lhe então um lenço no rosto, picaram-lhe os pés fingindo que o lancetavam, metteram-lh'os em agua quente como para favorecer a

emissão sanguinea, e começaram a discorrer entre si sobre os symptomas tragicos que fingiam observar. Pois, sem perder gota de sangue, o desgraçado morreu só pela impressão que lhe actuava no espirito ; e, ao erguerem-lhe o lenço de sobre o rosto, era um cadaver.

Os symptomas da morte, consecutivos á doença, são ordinariamente bem assinalados. Os olhos embaciam-se, afundam-se nas orbitas, e meios fechados entremostram as pupillas que parece revirarem-se ; cavam-se as fontes e faces ; o nariz afila-se e contráe-se ; os labios descáem pallidos e lividos ; o frio da morte apodera-se das extremidades e invade súccessivamente as partes todas ; o halito parece glacial ; a pelle é viscosa ; altera-se a voz ; o pulso enfraquece, e retarda cada vez mais ; a respiração tambem se encurta, e a cada expiração ressoa o estertor ; a acção pulmonar tem as mesmas intercadencias do pulso ; um a

dois minutos, ás vezes, passam entre os esforços do moribundo para respirar; depois vem uma derradeira expiração, e acabou a lucta da alma com o corpo.

Nas scenas concomitantes da morte, observam-se pormenores que não alteram a analogia com os traços geraes descriptos. Alguns enfermos, privados já da consciencia, insistem, com movimentos instinctivos, a repulsar a roupa que lhes cobre o peito, como se o pezo os incommodasse; outros, puxam-a ou raspam-a com as unhas, de certo móvidas nervosamente, ou para estimular a fricção do sentido do tacto que se embota. Ao mesmo tempo, ha umas illusões que os allucinam. Enganados por sombras que lhes avultam aos olhos obscurecidos, os agonizantes esforçam-se por apanhar com as mãos objectos fantasticos; sôam-lhes aos ouvidos imaginarios ruidos que ás vezes se lhes figuram sons articulados. O poeta Cowper, que foi

sempre attreito a allucinações morbidas, tentando enforçar-se quando era moço, pensou ouvir trez vezes a exclamação: «Acabou-se!» A antiga crença de que o nosso genio familiar nos avisava a hora fatal ao chegar, não teve outra origem talvez senão esses effeitos mysteriosos que se quizeram explicar por tal maneira.

Os movimentos do espirito, nas suas relações com a fraqueza physica, têm frequentemente uma alta importancia entre os symptomas da dissolução do nosso ser. Geralmente, os antigos tinham em grande conta os *novissima verba* (derradeiras palavras). Acreditavam que os agonisantes recebiam inspirações do mundo para onde iam transferir-se, e que, ao passo que se extinguiam, começavam a fallar a linguagem dos deuses. O mais certo, porém, é que os moribundos logo que deixam de ser sensiveis ás impressões exteriores e entram em delirio, sonham com as suas occupações habi-

tuaes e reconstruem com os despojos do passado um presente imaginario. O doutor Amstrong morreu balbucian-do apherismos medicos. As ultimas pa-lavras proferidas por Napoleão foram : «Vanguarda do exercito!» Lord Ten-terden cuidava-se ainda na presidencia de um tribunal e balbuciava expiran-do : «Senhores jurados, ides agora pe-zar a vossa decisão.» O doutor Adam, auctor das *Antiguidades romanas*, jul-gava-se na sua aula, distribuindo elo-gios e censuras pelos alumnos ; e de repente disse : «Faz-se noute ; podem retirar-se.» E expirou logo. Todavia, tantos exemplos d'esta especie não bas-tariam a affirmar e provar a existencia de um sentimento interior. O espirito é capaz de seguir maquinalmente uma direcção que lhe é familiar, sem se oc-cupar das suas proprias operações, e o menor impulso basta para lhe dar movimento logo que todas as outras faculdades se extinguiram. De Lagny já não podia reconhecer os amigos

que lhe rodeavam o leito, e quando lhe perguntaram qual era o quadrado de doze, respondeu immediatamente: 144.

A's vezes, observa-se em alguns moribundos uma especie de delirio semelhante á embriaguez. A consciencia existe sempre, mas não o imperio sobre si. A natureza do individuo revela-se então em plena nudez, sem alguma das modificações que as conveniencias ou o interesse prescrevem. Uma mulher que toda a vida alliára uma insaciavel sêde de maledicencia a uma extrema reserva no uso que lhe dava, caiu n'esse estado horas antes de morrer. A valvula destapou-se, e o veneno, o fel e a maledicencia longo tempo reprezos, sahiram a golphos. «Creio, na verdade — disse mais tarde o marido, — que ella, n'essas horas, repetiu tudo quanto, desde que nascêra, ouvira dizer contra o proximo.»

Dá-se o caso de parecer ás vezes estacionar uma doença mortal; vive e respira o paciente; e os amigos que o

consideravam perdido, já se congratulam pelo vêrem salvo. Mas o que ahi ha é a morte com uma mascara. A esta illusoria melhoria segue-se uma recaída que despenha para sempre o desgraçado na sepultura. A morte do hydrophobo é, por via de regra, precedida d'essas apparencias de restabelecimento. Sir Henri Halford vira quatro ou cinco casos de inflammação cerebral, em que o delirio furioso foi seguido de intervallo lucido, e o intervallo lucido seguido da morte. Os proprios medicos, ás vezes, se illudem com essas apparencias. Um d'elles, com ar triumphante, dizia a um dos seus collegas que entrava no quarto do enfermo a quem o primeiro assistira: «Venha vêr, venha vêr! Vai-se a febre.» O confrade, mais experiente, após um momento de observação, respondeu: «Não: quem se vai é o doente.» Em geral, póde suppôr-se que a melhora não é verdadeira emquanto o pulso não melhora. Sem isso, as faculdades

vitacs estão exauridas, e a natureza não tem para onde appelle. Em todos os casos, é raro que essa remissão temporaria de bem-estar seja completa; mas a intermissão parcial, dando tempo a um allivio momentanco, produz mui notavel mudança de sensações. O cessar da dôr é um prazer positivo que se avanta a todos os prazeres. D'isto nos dão provas exuberantes as operações cirurgicas, nas quaes nem a dôr que segue o emprego dos ferros sobre as partes vivas, nem todos os horrores contingentes podem perturbar o sentimento de satisfação que immediatamente se segue. Charles-Bell abriu a trachea-arteria de um individuo que soffria espasmos na garganta e morria á mingua de ar. A operação foi dolorosa; foi até necessario golpear e levantar parte dá cartilagem; mas logo que o doente, cujo rosto banhado em suor exprimia o mais atroz padecer, e que só aspirava á custa de esforços convulsivos, pôde livremente

respirar pela fenda artificial que lhe fizeram, adormeceu profundamente, apesar do brilho das luzes que o rodeavam, e em meio dos operadores que ainda lhe trabalhavam na larynge com as mãos ensanguentadas. Um soldado ferido em Waterloo de uma bala na testa, soffreu a operação do trépano, e M. Astley Cooper extraiu-lhe um osso que penetrára pollegada e meia no cerebro. Terminada a operação, o paciente sentou-se e entrou a conversar; e, no mesmo dia, ergueu-se e vestiu-se.

E' difficil muitas vezes distinguir rigorosamente o momento em que se transforma um corpo animado em materia inerte; porém, assim que contemplamos um cadaver gélido, hirto e inflexo, não é possível já suppôr que a vida possã revestir apparencias da morte, e que individuos ainda pertencentes a este mundo possam por engano ser fechados vivos no tumulo. Comtudo, muita gente, e espe-

cialmente mulheres, tão preocupadas estão de tal idéa, que mal podem adormecer sem receio de acordar com uma campa por leito, e uma coberta de seis pés de terra. M. Julia de Fontenelle, que a tal respeito escreveu um livro curioso, em que numera todos os casos de morte apparente que conheceu, veria alguma cousa mais que uma simples lenda mentirosa na historia do nosso santo Frithstane, que dizendo um dia a missa dos fieis defuntos no cemiterio, ouviu, depois de proferir as palavras *Requiescant in pace*, a sair dos tumulos que o cercavam, vozes que respondiam em côro : *Amen!* Do livro de M. Julia de Fontenelle póde dizer-se que um volume de historias de fantasmas é a melhor reputação dos fantasmas. Todavia, a opinião de que algumas pessoas ha muito fallecidas e assim consideradas por signaes exteriores, voltaram á vida, tem tido partidarios em toda a parte, e dá margem a numerosas práticas supersticio-

sas. Roger North conta que os turcos, quando ouvem rumorejar uma sepultura, desenterram o cadaver, desfazem-no, e assim ficam seguros de que elle não voltará. Diz mais que alguns negociantes inglezes, passando a cavallo nos arrabaldes de Constantino-
pla, acompanhados de um janizaro, perpassaram por um judeu decrepito que estava assentado sobre um sepulchro. O janizaro convenceu-se logo de que o judeu era o proprio morador do sepulchro, dirigiu-lhe injurias por que se atravêra a manchar com a sua presença segunda vez a terra, e mandou-o recolher-se ao seu subterraneo. Povos ainda mais engolphados na barbaria dão credito a fabulas ainda mais absurdas, dado que ellas não ultrapassem a extravagancia que é de esperar das demasias da ignorancia e do terror, se do recesso dos tumulos resoam exclamações e esforços violentos de pessoas enterradas; porém, logo que á imitação de M. Julia de Fontenelle, nos que-

rem testemunhar provas authenticas como estas de taes credences, o melhor é derruir esse fantastico edificio pelos mesmos meios com que intentam levantá-lo.

Entre tantas anedoctas mais ou menos maravilhosas que nos contam, exemplificando a morte apparente, ha uma que talvez seja crível, tanto por sua probabilidade especial, como pela auctoridade do narrador — o illustre Sydenham. A faculdade medica do seu tempo demonstrava com mui conspicuos raciocinios que as bexigas deviam ceder a um regimen quente. Debalde morriam os padecentes. Os doutores sustentavam que era melhor morrer segundo a arte do que ser curado ao contrario dos principios d'ella. Sydenham, o reformador de todo o systema medico, reconhecera logo que o remedio ao mal devia procurar-se na outra extremidade do thermometro. Victima, como todos os homens superiores, das

agressões da inveja, defendeu-se com brandura e modestia; e, entre os factos que cita para justificar o seu methodo, conta que um mancebo de Bristol, posto em regimen de estufa pelo seu medico, caiu em estado de morte apparente, e instantaneamente recuperou a vida tocado pela simples acção do ar frio. Quando o consideraram morto, as pessoas que lhe assistiam retiraram-se, atirando-lhe para cima do corpo um lençol. Mas elle, assim que se viu desagarrado das mãos da arte, para entrar nas da natureza, começou a recobrar alentos, e viveu para testemunhar a justiça dos principios sustentados por Sydenham.

Todos os casos de morte apparente, ainda os mais famigerados, como o de François de Civile, capitão do tempo de Carlos IX, que juntava á sua assignatura a qualificação algum tanto hyperbolica de «trez vezes morto, trez vezes enterrado, e, pela graça de Deus,

trez vezes resuscitado (·) » ; como o outro caso de um grande de Hespanha que dizem morrêra sob o escalpello do celebre anatomico Vezale ; e tambem o caso do abbade Prevost, victima da criminosa precipitação de um juiz ordinario rural, e da ignorancia não menos ominosa de um cirurgião de aldeia. Ora, a nós parece-nos que semelhantes casos, ou não aguentam um exame serio, ou se explicam facilmente por causas naturalissimas, sem que se haja de concluir á tôa que os vivos estão, todos os dias, expostos a confundirem-se com os mortos, e sotter-

(·) As aventuras mais ou menos authenticas de François de Civile pouco provam a final. Estava elle ainda no ventre materno, quando a mãe, já no tempo final da gestação, morreu, e foi enterrado sem dar cuidado a ninguém o salvar a criança ; porém, o pai, chegando então de uma viagem, evitou que o filho fosse excluido para sempre do mundo dos vivos antes de entrar n'elle. É isto o que Civile chama a sua primeira morte, o seu primeiro enterro, e a sua primeira resurreição. Deu-se a segunda no cerco de Rouen em 1562. Ferido de bala, caiu sem accordo, e uns obreiros que abriam ali um fôssco, atiraram para cima d'elle uma

rados, durante um somno lethargico, entre quatro pranchas de pinho.

De envolta com taes contos e exaggerações, havia um facto, um só e incontestavel que outr'ora impressionava vivissimamente: encontravam-se sempre os corpos de bruços e a mortalha descomposta. Porém, sabe-se hoje em dia que esse facto attribuido, com apparente razão, a esforços convulsivos, é simplesmente o effeito da corrupção. Fôrma-se nos corpos um gaz cuja acção espontanea se assemelha a muitos movimentos da vida. A força d'esse gaz é

pá de terra. O criado, tendo procurado longo tempo seu amo para o enterrar decentemente, descobriu um braço á flôr da terra, e reconheceu que era o de Civile por um diamante que lhe brilhava em um dos dedos. O amo respirava ainda. Transportaram-o para uma cama onde permaneceu alguns dias entre a vida e a morte. Por fim, vencia a vida, quando um trôço de inimigos que o descobriram, ao levarem a cidade de assalto, o despenharam de uma janella. Caiu sobre uma esteirqueira, e para ali ficou de todo abandonado: ora isto considerou elle que era o seu terceiro enterro. Sobreviveu ainda alguns annos para ser enterrado pela quarta e ultima vez.

tamanha nos cadaveres que estiveram longo tempo submersos, que Mr. Devergie, medico da *Morgue*, affirma que os cadaveres dos afogados, se os não cingem com correias, frequentemente resaltam do amphitheatro e cáem ao pavimento. Todos os corpos enterados, desenvolvem cedo ou tarde um gaz que os retorce, e lhes distende a pelle até a lacerar, e por vezes faz saltar a campa que os cobre. A imaginação transformou aquellas explosões gazzozas em gemidos ou gritos abafados. Abre a sepultura. A posição do cadaver confirma as suspeitas, e as lacerações da pelle julgam-se arranhaduras que o desgraçado fez em si na vertigem da desesperação. As molestias violentas e agudas, que matam em pouco tempo, favorecem a rapida formação do gaz; duas ou trez horas depois da morte póde existir, e a agitação que elle dá aos membros dá azo a crêr que a vida sãc dô lethargo. A's vezes, succede que os alimentos contidos no es-

tomago são revessados pela bocca, e o sangue escorre do nariz ou pela cizura que se fez em uma veia para praticar uma sangria n'um caso de apoplexia. Estes symptomas fallazes, muitas vezes, motivaram grandes angustias, na supposição de que houve engano com as apparencias de morte, e que o defunto poderia salvar-se a lhe acudirem logo com os soccorros necessarios.

A antiga e supersticiosa crença de que o cadaver de um individuo assassinado se cobria de suor sanguineo em presença do assassino, ou que a ferida sangrava logo que elle a tocava, foi causada por analogia origem. A transpiração sanguinea que frequentemente se observa é produzida pela acção do gaz que, tendendo a destacar-se, faz porejar os fluidos pela pelle. Bem pôde ser que este phenomeno se manifestasse no momento em que o assassino fosse confrontado com a sua victima; e, pelo que respeita á experiencia do

tacto, da compressão das veias resultaria a effusão do sangue, já a ponto de esvurmar da ferida em consequencia do impulso dado pelo gaz. Phenomenos semelhantes, por certo, em circumstancias identicas, não se deram; mas basta um caso para tirar a importancia a muitos desenganos.

O cessar da respiração é o unico signal decisivo do acabamento da vida, e tão facil é de conhecer quanto certo em resultados. Diz Benjamin Brodie: «A acção do coração não se prolonga além de quatro a cinco minutos logo que a respiração cessou.» A antiga distincção do coração era «*primum vives, ultimum moriens*»; e logo que se dá uma demora consideravel nas pulsações d'aquelle orgão é impossivel que a vida se entranhe ainda no corpo. Todavia, sendo aos observadores superficiaes mais difficil reconhecer os effeitos das funcções pulmonares que os do coração, o cessar da respiração póde ser considerado o symptoma or-

dinario e infallivel da morte. E', com-tudo, prudente, em geral, deixar pas-sar duas ou trez horas antes de tocar no corpo. A anedocta do coronel To-wnshend daria creditos á supposiçãõ de que, em alguns, posto que raros ca-sos, a vida pôde presistir algum tempo mais que o ordinario, ainda depois que o coração e os pulmões cessem de viver. O coronel Townshend estava a expirar. Disse elle aos medicos, uma manhã, que descobrira que podia morrer quan-do lhe aprouvesse, e depois, com um esforço, tornar á vida. E, prestou-se a proval-o immediatamente. Um dos medicos pegou-lhe do pulso, outro pôz-lhe a mão sobre o coração, e um terceiro collocou-lhe um espelho em frente dos labios. Effectivamente o pul-so parou, pouco e pouco; as palpita-ções do coração escassearam; o hálito deixou de embaciar o vidro: tudo in-dicava que ali já não havia vida. Co-meçaram os medicos a crêr que o co-ronel levára a experiencia longe de

mais, e que estava para sempre morto, quando passada meia hora, a vida voltou gradualmente como desapparecêra. Eram nove horas da manhã; e, no mesmo dia, ás seis da tarde, o coronel era um cadaver. A autopsia nada revelou que esclarecesse o mysterio. A molestia do coronel era um cancro no rim direito. Esta circumstancia cabalmente explicou a sua morte, sem explicar a extranha faculdade de suspender, por esforço de vontade, as funcções da vida. Como quer que fosse, algumas inducções physiologicas derivantes de tal facto não o excluem da regra: vida e respiração, quanto á sepultura, são termos identicos.

Além d'isso, o cessar da respiração não é o unico signal de morte que precede a corrupção; ha outro que toda a gente conhece: é a passagem gradual do corpo do estado de flexibilidade ao de rigidez. O primeiro effeito da morte é distender os musculos; a maxilla inferior descáe; os membros

pendem pesados, as articulações tornam-se flexiveis, e a pelle amolenta-se. Depois, sobrevem o estado opposto de contracção: o corpo, ha pouco, mole e flexivel, volve-se rijo e hirto. Manifesta-se primeiro a contracção nos musculos do pescoço e tronco, depois estende-se ás extremidades superiores, ás inferiores em seguida, e desaparece pela mesma ordem por que veio. Começa, por via de regra, cinco ou seis horas depois da morte, e dura pelo commum entre dezeseis e vinte e quatro horas; a época, porém, do seu apparecimento e duração varia muito, consoante a idade, a constituição da pessoa, a natureza da morte e o estado atmospherico. Em todo caso, logo que a contracção dos musculos se manifeste, não ha que duvidar da realidade da morte. Ha um effeito da contracção muscular da morte que muitas vezes permite conjecturas falsas. No periodo do relaxamento, ao distenderem-se os musculos, e não ha-

vendo acção physica ou moção mental que altere a serenidade do rosto, o aspecto assume aquella expressão de suavidade angelical que Byron descreveu em *Giaour*. A contracção muscular é que desfaz a belleza, que arruga o sobr'olho, distende os labios, afila as feições, e transforma aquelle doce aspeito n'um ar duro, rigidó e soffredor. Quem só vê o cadaver do parente e do amigo quando elle apresenta o aspecto descomposto — e isto é o mais usual — afflige-se na supposição de que o morto foi muito atormentado por angustias de corpo e alma.

Paixões violentas, dôres agudas e prolongadas podem dar aos musculos um movimento forçado ao qual a rigidez cadaverica dará grande relêvo; mas a expressão da vista e principalmente causada pelo estado do cadaver, ou, mais claro, pelo grau de contracção. Assim é que, pessoas que morrem de doenças de consumpção, offerecem sempre uma expressão serena e quie-

ta, dado que expirem no desespero; ao mesmo tempo que uma pessoa musculosa, que serenamente se adormeça no derradeiro somno, apresentará sempre um semblante sombrio e amargurado.

Quando a faculdade que desenvolve o calor se extingue, o corpo obedece ás leis dos objectos inanimados, e com o periodo da rigidez coincide, quazi sempre, aquelle esfriar de pelle que geralmente se associa á idéa da morte. O tempo que um cadaver leva a esfriar depende do estado do corpo e das circumstancias em que se acha. O esfriamento do corpo não é per si mesmo prova de morte; mas cedo ou tarde será uma das provas inevitaveis.

Succede á corrupção a rigidez, que não se deve, já por sua natureza propria, já pelas circumstancias accessorias, confundir com a gangrena vital. Começa no abdomen, cuja pelle se tinge de um verde-azulado; passa ao pardacento e ao negro gradualmente,

e vai-se estendendo pelo restante corpo. Manifestado que seja este signal de putrefacção, seria pernicioso para os vivos, sem alguma caução a proposito da, esperar que a decomposição progrida. Em Inglaterra, raras vezes se sepulta um morto sem que elle dê de si a certeza que se desfaz no pó de que saiu. A maneira mais expeditiva porque procedem em certos tempos e doenças, não é um desviarem-se verdadeiro da regra; n'esses casos, o progresso mais rapido da putrefacção é que determina a necessidade dos enterramentos precipitados, com perfeita justificação.

A respeito da morte que mais convém ha diversas opiniões. Isto depende da variedade de indoles e de temperamentos. Ainda que são diversos os caminhos que conduzem á paragem commum, é certo que umas veredas são menos escabrosas que outras. Cezar desejou a morte mais rapida e imprevista. Expressou esse desejo quando

ceava; e, no dia seguinte, realisava o seu desejo na sala do senado. Plinio tambem considerava a morte instantanea a suprema boa-ventura da vida, e da mesma opinião era Augusto, pouco mais ou menos. Sempre que ouvia contar de alguem arrebatado a subitas pela morte, invocava igual sorte para si e seus amigos. Montaigne professava inteiramente a opinião de Cezar, e entendia que o melhor era: «engulir a pilula sem a mastigar». Se Thomaz Browne fosse da religião de Cezar, preferiria como elle, acabar de um só golpe que experimentar todas as torturas de uma prolongada agonia: era um sabio sempre apercebido para receber a morte logo que ella se aproximasse. Porém, o christianismo, dilatando horisontes largos á nossa esperança, augmentou tambem os nossos pavores. Thomaz Browne considerava que o modo de morrer era uma consideração comparativamente insignificante; e, quaesquer que fossem as suas pre-

dilecções naturaes, um sentimento de fraqueza humana lhe incutira como avisado o versiculo da ladainha em que se pede a Deus que nos preserve de morte subita. Na maxima parte dos homens, carne e sangue fallam a mesma linguagem: antes querem que o facho arda até ao fim, do que um sôpro o apague repentinamente. Comtudo, algumas vezes, a perspectiva de longos padecimentos impulsará os homens desesperados a procurarem expediente prompto e facil de se desatarem da vida. Assim se viu, durante a peste de Syracuse, grande numero de romanos arrojam-se contra as phalanges inimigas, afim de acabarem no ferro e esquivarem-se ao contagio horrendo que devorava a população.

Gustavo Adolpho, cujos votos foram satisfeitos na batalha de Lutzen, dizia que o homem mais feliz era o que morria no exercicio da sua profissão. Nelson ambicionou que o seu dobre de finados fosse o retumbar da artilheria.

O general Moore, expirando na Corunha, dizia: «Assim é que eu sempre desejei morrer», e tal era a sua alegria que o não mortificavam as dôres do ferimento. Ao marechal de Villars, já agonisante, annunciaram que o duque de Berwick morrera como bravo soldado no assedio de Philipsbourg. Respondeu: «Eu disse sempre que elle era mais feliz que eu!»

Era costume na Irlanda, em tempos semi-barbaros, quando n'este paiz os rebeldes eram mais vulgares que as cordas, enforcal-os com uma vêrga de salgueiro. Reinando Izabel, um condemnado d'essa cathegoria, vendo que lhe enroscavam uma corda no pescoço, exclamou contra tal novidade, e pediu que por obsequio o enforcassem com a antiga vêrga de salgueiro. A propria Izabel, quando esperava ser morta á ordem de Maria, resolvera pedir que a degolassem com uma espada, e não com o cutello — o que parece mais querer distinguir-se que differençar-se.

Direi o mesmo da supplica de lord Ferrers que o enforcassem em Tyburn com uma corda de sêda. Porém, o capricho do duque de Clarence, se a anedocta tivesse authenticidade, é o mais extravagante de todos d'esta especie. Faz-se mister que este principe estivesse estranhamente fascinado pelos «Prazeres da memoria», para se imaginar, querendo afogar-se em um tonel, que o seu predilecto malvazia lhe dava um morrer mais agradável. A suffocação não seria mais suave aos parasitas de Heliogabalo quando os perfumes os asphixiavam. O velho Fuller, examinando todos os processos de destruição, veio a esta concisa conclusão: «Não encontro nenhum que me satisfaça... mas — ajuntou philosophicamente — não pensemos em taes coisas. Não pertence ao alvo escolher a flecha que lhe dardejam.»

Em estylo tecnico, chama-se *agonia* o acto de morrer. Esta expressão envolve uma crença, commum e erro-

nea que tem motivado práticas selvagens e até criminosas. O embaixador veneziano em Inglaterra, sob o reinado de Maria, relata que nas classes infimas é costume seguido collocarem sobre a bocca dos moribundos uma almofada á qual se encostavam os parentes mais proximos até os abafarem. Era, simultaneamente, privilegio e dever piedoso que o pae cumpria com o filho, e o filho com o pae cuidando que assim abreviavam a terrivel luta da vida com a morte. Em França matavam as pessoas feridas de hydrophobia, logo que a molestia se julgava incuravel. Voga uma idéa vulgar de que a mordedura do cão damnado communica aos mordidos a propensão do animal; mas estes crueis homicidios não se perpetravam em obsequio á segurança geral; era antes um sentimento de compaixão que impellia os homicidas;—o seu unico intuito era a conveniencia dos desgraçados pacientes. L'Estoile archivou no seu Diario mui-

tos factos d'esta natureza. Uma rapariga, atacada de hydrophobia, ganhara tal horror a ser suffocada — «o que é (observa o chronista tranquillamente em um parenthesis) coisa ordinaria em semelhantes casos» que mais a enfurecia a perspectiva do remedio que a propria doença. Os paes, porém, pela força do habito, desprezaram o grito da natureza. Surdos ás supplicas da victima, teimaram na execução do supposto dever; ainda assim, cedendo a uma fraqueza de que talvez se arrependessem, substituiram o veneno á estrangulação, e foi o marido quem, com a maior magua possivel, lhe ministrou com a propria mão a peçonha mortal. Não obstante, algumas vezes era a victima quem pedia a morte. Um pagem, indo banhar-se ao mar—acto que então se considerava especifico para a hydrophobia — arranhou-se nas silvas do bosque para onde ia e fez sangue. Vêr sangue, conforme o preconceito do tempo, era circumstancia fatal. O moço,

receando o accesso de furor, pediu que o estrangulassem sem demora, e os assistentes, chorando, como diz l'Estoile, estrangularam-o. Outro pagem, referido pelo mesmo chronista, morreu felizmente, porque o acabaram com um tiro. Em França, a medicina usa ás vezes de um ardil innocente que prende com aquella horrenda realidade. Ha impostores que se fingem hydrophobos. Se o medico os suspeita de tal, ordena que soffoquem o doente entre dous enxergões. Diz Orfila que este processo os cura como por encanto.

Uma especie de asphyxia, até certo ponto menos cruel que a suffocação pelas almofadas, usou-se, por espaço de seculos, tanto em Inglaterra como no continente. Subtraíam de subito os travesseiros debaixo da cabeça do moribundo; a cabeça caía-lhe para traz, e a respiração, de angustiosa que era, cessava. Outro costume que exacerbava os soffrimentos dos moribun-

dos, sob pretexto de os alliviar, conservava-se em Inglaterra, entre os ignorantes, não ha muito tempo ainda. Os asceticos da religião catholica romana, prolongando suas penitencias até á morte, expediam o derradeiro alento sobre uma enxerga de crina. Sobrevivem as usanças ás razões que as originaram. D'ahi procedeu attribuir-se á crina uma virtude physica; e os protestantes que se finavam muito de vagar eram arrebatados dos seus colchões de pennas e estirados sobre enxerga de crina, para assim lhes apressarem a passagem para outro mundo. Dest'arte associavam os horrores da violencia aos demorados transes de uma lenta agonia: no instante em que o nadador fatigado apégava na praia, vinha uma furiosa vaga que o espedaçava contra as penedias.

Devemos distinguir entre a dôr da morte e a dôr da doença que a precede; por quanto, ao extinguir-se a vida, a sensibilidade enfraquece; ha um

torpôr que augmenta a par e passo que a morte se avizinha. A ancia que se chama *agonia* só é verdadeiramente temerosa quando o cerebro é o ultimo órgão atacado, e o espirito conserva até final um conhecimento racional do estado do corpo. E por isso, as pessoas que se acham n'este caso attestam ordinariamente que ha na vida poucos lances tão pouco penosos como o fim d'ella. «Se eu pudesse sustentar uma penna —disse William Hunter— escreveria quanto é facil e agradavel morrer.» Dizia Luiz XIV: «Cuidei que era mais difficil morrer.» O theologo castelhano Francisco Suarez disse: «Eu não sabia que o morrer era tão suave coisa!» Poderíamos multiplicar infinitamente citações d'esta especie. Todas as pessoas que experimentaram soffrimentos semelhantes como que se sentiram agradavelmente sorprendidos. A's vezes, figurou-se-lhes que todas as faculdades se concentraram no goso d'aquelle feliz estado de socego, estranho a

influencias de circumstancias exteriores. No dia em que Collingwood soltou o ultimo suspiro no elemento que lhe havia sido theatro de heroismos, o mar estava agitado, e o capitão Thomaz exprimia-lhe o receio de que o balanço do navio o molestasse. «Não, Thomaz — respondeu elle. — N'este estado, nada no mundo poderia molestar-me. Vou morrer, e consola-me que todos os que me estimam vejam a serenidade com que toco a extrema da minha carreira.»

Succede tambem muitas vezes que os moribundos não tenham de si, nem d'aquillo que os rodêa, o mênor conhecimento. A expressão do seu rosto e gestos podem dar a suppôr em muitos casos que, posto que hajam morrido para o mundo exterior, ainda lhes sobrevive uma sensibilidade interna. Nós, porém, sabemos do testemunho d'alguns que a morte poupou no ultimo transe que, ao mesmo tempo que os amigos se compadeciam de suas sup-

postas agonias, o seu modo de viver era um estado de aniquilação. Montaigne, atordoado da queda de um cavallo, rasgou o seu gibão; mas tinha perdido de todo os sentidos, e só mais tarde soube o que fez, porque os criados lh'o referiram.

O delirio da febre é afflictivo de vêr-se; mas o doente sáe d'esse delirio como de um somno profundo, ignorando que passou dias e noutes a debater-se na cama e a declamar discursos incoherentes. Logo que ha insensibilidade, a morte virtual precede a outra, e o morrer não é mais que o despertar em outro mundo.

O mais usual é estar o espirito em um ser intermedio entre a actividade e o esquecimento. Quem não tem velado á cabeceira de moribundos cuida facilmente que o torpôr progressivo é insensibilidade completa; mas os que observam ao pé podem reconhecer que o ouvido, posto que duro, não está surdo, e que os olhos, ainda que

tôrvos, não estão privados de vista. Certa pessoa que se abeirára do leito do doutor Wollaston, na sua hora final, notando que a intelligencia do enfermo se atrophára, viu que o sabio, no momento final, gesticulou que lhe dessem um papel e um lapis, escreveu alguns algarismos e sommou-os. A principal differença entre este e milhares de individuos que expiram sem darem signal de conhecimento, está na tempera superior do seu character. As faculdades dos outros tambem sobrevivem, posto que lhes repugne fazer o minimo esforço; e apenas com algumas phrases interruptas nos dão a perceber que o torpôr physico os vai marasmando mais que o esvaímento da intelligencia.

Pessoas a quem foi permittido tocar as fronteiras d'essas regiões, d'onde viajante nenhum voltou, concordam n'este ponto. Em numero grande d'esses casos, bem como nos da estupefacção, apparecem symptomas a que nós

habitualmente associamos a idéa do soffrimento, porque, de feito, sempre andam juntos. Um suor frio humedece a pelle, a respiração é offegante e dura, e, ás vezes, mórmente em sujeitos de compleição delicada, a morte é precedida de movimentos convulsivos que parecem indicar lucta com um inimigo. Mas tudo isso é tamsómente signal de debilidade e consumpção do systema, que não tem que vêr com a dôr. O celebre professor escossez Campbell soffreu um violento ataque de asthma que esteve a pique de o matar alguns mezes antes que elle succumbisse á mesma doença. Deu-lhe allivio inesperado um cordial, e nas primeiras palavras que proferiu mostrou-se espantado do ar de tristeza dos seus amigos; por quanto elle, segundo lhes disse, se sentia em uma tal situação de espirito no momento supremo da crise e na expectativa de immediata dissolução, que só dizendo que estava em extasis, poderia bem exprimir

as suas sensações. E, em verdade, os seus padecimentos, quando mais se debatia para respirar, deviam ser pequenos, do contrario, a dôr physica destruiria completamente o extase mental.

Lgrimas e lamentações de parentes, muitas vezes, perturbam os ultimos momentos dos moribundos, os quaes, não podendo fallar, exprimem com o lance de olhos o mal que lhes estão causando. Por mais custoso que seja dominar as commoções quando o coração se está despedaçando, pedem-nos o amor e a piedade que nos subjuguemos, em taes lances. Mais odioso ainda é querer reter á força a vida que foge, introduzindo bebidas inuteis na garganta que já não pôde engulir, ou, peor desatino ainda, provocar em corpos já privados de movimento signaes de vida pela applicação de topicos e outros meios violentos. Um processo de grande voga era antigamente bafejar uma columna de fumo ao nariz do moribundo para o «reanimar». Quando

o illustre chimico Cavendish conheceu que ia morrer, mandou sair do quarto o criado, recommendando-lhe que só voltasse a determinada hora. O criado, voltando á hora prescripta, encontrou morto o amo. É que elle quizera expirar na solidão e no silencio, sem que o perturbasse a presença dos homens, cujos soccorros lhe eram já inuteis. Toda a gente deseja suavisar os soffrimentos d'um parente ou amigo no leito da morte; mas uma imprudente ternura peor em resultados que a completa indifferença torna-lhes muitas vezes um leito de espinhos.

A doença nem sempre termina pela agonia. O fio distendido póde partir-se de subito: é o que a miudo succede nas doenças do peito. O filho de Burke, que teve quinhão na celebridade do pae, ouviu soluçar os parentes em um quarto contiguo, afflictos pela previsão de um desastre infallivel. Ergueu-se da cama, dirigiu-se a seu illustre pae, e tratou de o interessar em conversa-

ção agradável. Burke, suffocado pela dôr, ouvia-o silencioso. Esforçou-se ainda o filho em consolal-o, dizendo: «Não sinto algum receio; sinto-me melhor, e, ainda assim, não sei porque, tenho o coração alvoroçado. Oh! falle-me, rogo-lhe que me falle de religião, de moral, e até de cousas indifferentes, se quer!» Depois, ouvindo rumor, perguntou: «Chove?» — «Não: é o vento nas arvores.» E, acudindo-lhe ao espirito uns formosos versos de Milton, declamou-os com graça e sentimento:

*O' ventos que sopraes dos quatro aereos pontos,
O Eterno celebrai com vossos cantos! Arvores,
Baixai as ramarias! Cedros d'alta fronte
Vergai até ao chão em preito á Divindade!*

Repetiu ainda estes versos religiosos; e, ajuntando o gesto ás palavras, pôz as mãos a modo de quem orava; e depois, caiu sem vida nos braços do pae. Nenhuma sensação o prevenira que, n'aquelle instante, ia achar-se em

presença do seu Creador, cujos louvores seus labios entoavam. Ordinariamente, porém, a mão da morte presente-se um momento antes que ella se execute. Ainda assim, uma phrase de despedida ou de oração, durante a qual as feições e a voz conservam uma expressão serena, indica não haver nada angustioso n'este presentimento. Assim foi que Boileau morreu de hydropesia. Entrou-lhe ao quarto um amigo. O poeta disse-lhe d'um fôlego: «Bom dia e adeus por muito tempo.» E expirou logo.

Quasi por equal succedem as cousas na morte subita não precedida de doença. Uns fallecem no comprimento das acções triviaes da vida, outros com uma phrase interrompida, outros n'um dormir sereno. Morrem muitos sem expedir um som, alguns suspirando apenas, e outros com um spasma e um gemido. N'outros casos, ha dous a trez minutos de lutar e soffrer; e, consoante o tempo decorrido entre o principio e o fim da crise, podem sobrevir

as dôres usuaes da doença. Mas, em summa, a morte menos para se temer é a que nos assalta em plena vida; quando, entre a saude e a sepultura, nada ha mais que algumas pulsações, alguns arquejos do peito—pouco monta que sejam convulsões dolorosas, estremecimentos de jubilo, ou movimentos automaticos de um corpo em que já não ha sensibilidade.

Portanto, os factos contradizem que o soffrimento da morte seja o mais alto grau do soffrimento da doença. A não se dar que o periodo da agonia se não attinja de repente, a molestia, quando vai matar, entorpece o enfermo. Se o soffrimento da doença foi agudissimo, a sensação de allivio que se lhe segue é por tal modo surprehendente em razão do contraste, que de boa fé se accita o signal de retirada que a natureza dá, como indicio da retirada da doença. Pouchkine, poeta russo, soffria cruelmente de uma ferida que recebera em um desafio. A esposa, enganada

pelo grau do socego que sobreviera ao soffrimento, disse ao medico alegremente: «Olhe que elle não morre, está salvo!» Mas, n'esse mesmo instante, a luz da vida apagou-se. Quando taes symptomas preludiam o restabelecimento, o soffrimento, ao que parece, é maior do que se annunciam a morte; pois que a doença, suspendendo por momentos a sua violencia, não afrouxa por uso a prêza. Cowper, recobrando alento depois de tentar suicidar-se, imaginou-se no inferno; e aquelles que são tirados sem sentidos da agua, e depois restituídos á existencia, manifestam sentimentos de variada expressão; mas, na essencia, são quasi os mesmos. Se n'isto se reflecte, tudo se nos afigura natural: o corpo, cujas faculdades rapidamente se extinguem, só lentamente as recupera; e, no momento em que a sensibilidade reverte, os movimentos das funções ainda desordenadas são outros tantos esforços dolorosos. Em confronto do padecimento corporal, a

morte é com certeza o menor dos dous males.

Ninguem ha ahi que não fórme idéa geral das provações que é forçoso experimentar antes que a morte chegue. N'estas provações, a duração é elemento tão importante como a intensidade, e as doenças de consumpção, não acompanhadas de dôres intensas, exigem que o enfermo seja tão corajoso quanto paciente. Dizia, pouco antes de morrer, o academico Fontenelle: «Meus amigos, nada soffro; sómente me incommoda ter mão na vida.» Mas esse incommodo torna-se grande fadiga quando se prolonga, sem intercadencia, por espaço de semanas e mezes. O platonista Moré, que estava n'este caso, descrevia suas sensações, comparando-se a um peixe fóra da agua escábujando na terra.

Frequentes vezes, a morte violenta pouco differe da morte natural. Muitos venenos produzem na nossa economia estragos semelhantes aos que se for-

mam por doenças; e, como nas molestias usuaes, se a alteração das funcções e dos órgãos podem causar soffrimentos, esse mesmo morrer é facil. As substancias que fulminam com a rapidez do raio, as que atrophiam os sentidos na somnolencia, não poderiam, em periodo algum, occasionar o que devemos chamar verdadeiros soffrimentos. A hemorragia fatal póde resultar da violencia como da molestia; e, inferindo do exemplo de Seneca, os seus prolongados padecimentos depois de rasgadas as veias, e o recorrer a outra fórma de suicidio para aligeirar as torturas, seria um morrer atroz, como pensa Thomaz Browne. Parece que dava mais importancia ao que lia do que ao que via T. Browne; por quanto devêra elle notar, no curso da sua clynica, que a hemorragia não é necessariamente, nem em geral, um doloroso genero de morte. Depende a dôr do espaço de tempo maior ou menor que decorre antes que a vida se reduza inferior ao

ponto em que a sensibilidade acaba. O sangue moroso do velho Seneca não fluia abundantemente, e deixava-lhe o bastante de força para sentir e padecer. Quando o sangue golpha livremente, o effeito é rapido, e a dôr menor, porque é mais passageira. A respiração obstruida é, sem comparação, mais afflictiva que uma suffocação completa.

Um dos mais suaves generos de morte é o que resulta immediatamente de um tiro; todavia, por mais rapido que seja, o corpo ainda tem tempo de sentir e o espirito de pensar. Na primeira tentativa de assassinio dirigida por um dos fanaticos partidarios de Hespanha contra Guilherme, principe de Orange, que capitaneava a rebellião dos Paizes-Baixos, a bala traspassou-lhe os ossos da face, e prostrou-o por terra. No instante,— palavra que adrede empregamos aqui no sentido litteral para exprimir espaço de tempo infinitamente curto — no instante que precedeu a estupefacção, figurou-se ao

principe que o tecto da sala abatêra e o esmagára.

O pelouro de obuz que penetrou no cerebro de Carlos XII não impediu que o monarcha levasse a mão aos copos da espada: a idéa do ataque e a necessidade da defeza provocou-lh'as o golpe fulminante, que seria de supôr lhe não deixasse intervallo para pensar. Mas não se segue que um golpe de que resulta morte immediata seja doloroso. E' até provavel, pelo contrario, segundo o que sabemos dos primeiros effeitos das feridas provenientes de tiros, que a impressão atordôa mais do que dóe. Observou lord Byron a particularidade physiologica de que nas mortes causadas por tiro, a expressão do muribundo era invariavelmente uma expressão abatida, languida; ao passo que nas mortes feitas a ferro, as feições até ao ultimo bocejo conservam a expressão particular do character do individuo. Parte dos primeiros casos servem a demonstrar-nos

que a vida póde, sob o golpe de feridas mortaes, prolongar-se sem grave perturbação no systema, até que chegue o momento fatal. Um soldado ferido em um quadril por bala, em Waterloo, pediu agua a outro que, por acaso, tinha cerveja no seu candil. O ferido bebeu, agradeceu muitissimo ao camarada e disse-lhe que quasi todo o seu regimento fôra morto; depois, dando alguns passos para a ambulancia, caiu morto com um só movimento convulsivo; e «comtudo — accrescentou o camarada que ha pouco referiu a anedocta — na sua voz não havia o menor signal de fraqueza.» O capitão Basil Hall que, sendo môço, assistiu á batalha da Corunha, cita um factó que testemunhou e muito analogo ao precedente. Um official velho, ferido na cabeça, chegou cambeteando e livido á ambulancia e pediu ao cirurgião que lhe examinasse a ferida. Era mortal. «E' isso o que eu receava — disse elle articulando as palavras com alguma

difficuldade — e, a fallar verdade, se fosse possivel, eu queria viver mais algum tempo.» Depôz a espada sobre uma pedra que lhe ficava ao lado, tão cuidadosamente — diz Hall — como se a lamina fosse de vidro ; e curvando-se sobre si, exhalou o ultimó suspiro.

A asphyxia por submersão consideravam-na alguns philosophos antigos com horror, por imaginarem que a alma era uma substancia ignea que podia apagar-se na agua ; mas um sybarita provavelmente gostaria d'esse modo de morrer. O natural impulso que leva um individuo que se afoga a escabujar ao principio é um sentimento de mêdo e não de dôr ; a dôr vem mais tarde, e é logo seguida de um languor agradável : e até alguns senão o maior numero, chegam a não experimentar essa ligeira sensação de dôr. Certa pessoa que nos merece plena confiança, nos affirmou não ter sentido o minimo sentimento de suffocação. O rio estava transparente, o dia esplendido, e como

elle se achava em posição vertical poderia vêr a luz solar penetrando na agua, com a vaga consciencia de que seus olhos iam para sempre fechar-se áquella luz. No entanto, nem o apavorava o seu destino, nem sentia o desejo de lhe esquivar. Uma dôce sensação de somnolencia parecia transformar-lhe a vaga em repousado leito. Um dos amigos de Lamothe le Vayer assegurou a este escriptor que experimentava tal prazer em tatear no fundo da agua que mal pôde soffrer um sentimento de raiva quando o tiraram de lá. Vive ainda um official distinctissimo que deu á estampa a narrativa mui notavel de uma asphyxia temporaria por submersão. Menciona egualmente a completa ausencia de soffrimento emquanto esteve debaixo d'agua, mas, afóra isso, revela-nos um pormenor singular : é que, durante os momentos em que esteve em seu accôrdo, todos os successos da sua vida desde a infancia lhe perpassaram pelos olhos com

a velocidade do relampago. Esta narrativa de insuspeita lealdade confirma a exactidão do velho conto oriental d'aquelle sultão que mergulhou a cabeça em uma bacia de agua, e percorreu, antes de a subtrair, todas as aventuras de uma vida borrascosa; mas prescindamos da pretensão de explicar isto physiologicamente.

Cuida muita gente, julgando os effeitos do frio por experiencia propria, que o estar gelado deve ser um soffrimento cruel. E' um engano vulgar de suppôr que a dôr augmenta com a energia do agente; o que só poderia acontecer se a sensibilidade permanecesse a mesma sempre. O frio intenso faz cair em somno, que fascina os sentidos e dá o esquecimento da vida. Um amigo de Robert Boyle que se intorpeceu d'este modo, confortavelmente assentado em um trenó, declarou que não sentia forças nem desejo de pedir soccorro, e que, se os seus companheiros não reparassem n'elle, de boa

vontade accetaria a sua mortalha de neve. Porém, o mais curioso exemplo do poder intorpecedor do frio achamol-o nas aventuras dos companheiros de Cook, os quaes, logo á primeira viagem, foram accommettidos pela neve em quanto excursavam botanicamente na Terra do Fogo.

O doutor Solandez, de origem sueca, profundo conhecedor das perfidas decepções do clima rigoroso, disse aos companheiros que não parassem ainda que se sentissem muito cansados. «Quem se assentar, adormece; e quem adormecer, morre», disse-lhe elle, fallando como philosopho e sentindo como homem. Apesar dos avisos d'aquelles a quem o doutor aconselhara e vigiava, foi elle o primeiro a parar e a sentar-se. Disseram a um criado negro que o imitou que morreria: respondeu que era esse o seu desejo. O doutor, porém, menosprezou a sua propria philosophia: disse que queria dormir alguns momentos, e depois iria.

Dormiu pois dous a trez minutos, e dormiria eternamente, se os seus companheiros não tivessem por felicidade feito uma fogueira. Scenas analogas succederam a milhares durante a retirada de Moscou. O historiador M. Alison, querendo pessoalmente experimentar até que ponto poderia reagir contra a acção narcotica do frio, sentou-se uma noute no seu jardim, á temperatura de vinte graus centigrados abaixo de zero, e o torpôr tão de prompto o invadiu que elle não entendia como um soldado francez podêsse resistir áquella fatal influencia: e, com certeza, morreriam todos se o mêdo da morte não triumphasse algumas vezes da satisfação de morrer. Um dos resultados ordinarios de um grande frio é a apparencia da embriaguez. Em Inglaterra têm sido castigados como ébrios homens meio-gelados — injustiça tanto mais acerba que, na propria opinião dos castigados, o seu estado procedia da falta do supremo especifico —

um copinho de qualquer coisa que matasse o frio. Todos estes effeitos, portanto, são faceis de perceber. A força contractil do frio retráe os vasos, reconcentra o sangue no interior do corpo, emquanto a superficie, privada do fluido vivificante, entorpece-se e perde a sensibilidade. Parte do sangue que circulava na região superficial refugia-se no cerebro e a congestão do cerebro determina o estado de torpôr. Podemos avaliar a rapidez d'esta operação, quando se não combate com o exercicio, por um facto que se deu nos poucos minutos que o doutor Solander dormiu: os sapatos caíram-lhe em consequencia da contracção dos pés. Não nos maravilhemos da contradicção que houve entre os conselhos que deu e o procedimento que teve: quanto maior era o perigo que presagiára, maior também devia ser a facilidade com que a sua vigilancia falhou.

Um dos desejos de Caligula, desejo digno de tamanha fera, foi que as

suas victimas se sentissem morrer. Este desejo atroz por muitas vezes foi practicado em tempos barbaros: a humanidade bastantissimas vezes se retráe para áquem da civilisação. Já os costumes eram brandos e polidos, e ainda se julgava licito e natural fazer morrer um criminoso, em casos graves, mediante morosas e cruelissimas torturas. No seculo xvi, o governo francez annualmente presenteava os medicos de Montpellier com um criminoso destinado a ser dissecado em vida em obsequio á sciencia. Os supplicios de Ravailac e Damiens recrearam as fidalgas da côrte que assistiram até ao fim d'esses horrendos espectaculos. Por vezes, a crueldade era apimentada com barbaros gracejos. Em consequencia de uma insurreição contra os direitos do sal, cento e cincoenta desgraçados pereceram em França, reinando Henrique II, com diversos supplicios. Trez d'esses foram convencidos de matarem dous recebedores e lançado os cadaveres ao Cha-

rente, exclamando: «Ide, *saleiros*, salgar os peixes do Charente!» Os graves personagens que presidiam ao julgamento engharam uma scena commemorativa d'este episodio. Começaram por quebrar com massas de ferro os braços e pernas dos condemnados; depois, enquanto elles ainda respiravam, atiravam-os á fogueira; e os carcascos exclamavam, como a sentença ordenava: «Ide, insensatos, ide assar os peixes do Charente que vós salgastes com os corpos dos serventuarios de vosso soberano, senhor e rei.»

As execuções, em Inglaterra, eram em geral caracterisadas menos atrocemente. A opinião publica levantou-se ahi mais cedo contra esses requintes de barbarismo. Não obstante, havia ainda alguns que escandalisavam as modernas idéas da humanidade. O arrancar as entranhas aos traidores era cousa vulgar, afóra outros processos. Os promenores do supplicio de Thomaz Blount, reinando Henrique IV, trans-

mittiu-nol-os um escriptor coevo. Primeiramente, dependuraram-o; depois cortaram de repente a corda, e elle ficou sentado em um banco fronteiro á fogueira que o havia de queimar. O carrasco, armado de uma navalha de barbear, ajoelhou-se deante d'elle e pediu-lhe perdão: «És tu — perguntou-lhe sir Thomaz — o encarregado de me livrar d'este mundo?» Respondeu o algoz que sim; e, recebendo o osculo da paz, pôz-se á tarefa de lhe abrir o ventre com a navalha.

Numerosissimos catholicos romanos condemnados por conspirarem contra Izabel tiveram morte identica; mas, se a pena comminada era a mesma em nome, quer fosse capricho do algôz, quer secretamente o instruissem, a extensão dos soffrimentos era muitissimo desigual. Uns pereciam antes de principiar a operação, outros eram meio estrangulados, outros emfim eram flagellados em plena vida no momento em que lhe corriam o laço na garganta.

N'estes ultimos casos, ao menos, o rigor da sentença em grande parte dependia da vontade do carrasco; e, como os amigos do padecente, se tinham recursos, brindavam o algôz para que descarregasse o cutello em parte segura, é de presumir que a regra da sua humanidade fosse o lucro. No reinado de Jorge III, a lei dos traidores foi harmonisada com o que se praticava desde antigas éras, e então se decidiu que a mutilação do corpo começasse depois de extincta a vida. Esta reforma denota que os costumes haviam melhorado. Em vez do apparatus das torturas e agonias, hoje em dia, a lei reputa a morte sem complicações a maxima pena conhecida.

A morte por suspensão tem sido executada na generalidade com preferencia a todas as outras. Recommenda-se pela simplicidade e ausencia de effusão de sangue; não obstante, é um morrer que indigna a alma! Talvez se

devesse suppôr ser ella a mais dolorosa, em razão da subita passagem de saude vigorosa a um arrancar forçado da vida e nem sempre immediato. Imagina muita gente que o cair do corpo desloca o pescoço, e assim a lezão da columna vertebral extingue a vida no mesmo momento em que se deu a queda. Esta opinião é um erro vulgar. Se tal resultado é possivel, raras vezes se dá, salvo o recurso de alguma particular manobra. Antes que a forca fosse delida pela vaga revolucionaria, o executor Louis, notando que em Pariz os condemnados se demoravam a morrer, ao passo que os de Lyon se tornavam massa inerte logo que a corda se distendia pelo pezo do corpo, ensinou ao carrasco o processo de que elle se servia para aligeirar a agonia das victimas. Era assim : quando as sacudia da escada, segurava-as pela cabeça com uma das mãos, e com a outra imprimia-lhes no corpo um movimento de rotação de que resultava torcer-lhes o

pescoço. O verdadeiro Jack Ketch coevo de Jayme II, que transmittiu seu nome a todos os seus successores, é provavel que possuisse aquelle segredo; porque dizem que sua mulher se gabava de que o ajudante de seu marido em caso de necessidade poderia enforçar; mas que só seu marido sabia «enforçar agradavelmente.» Se o baque fosse grande e o individuo corpulento a luxação poderia fazer-se naturalmente; mas, tirante raras excepções, os enforcados morrem tão sómente por suffocação.

Não ha motivo para grandes deplorações n'essa especie de morte. Muitas pessoas que sobreviveram á suspensão, contaram as suas sensações, e todas concordemente dizem que um morrer mais suave não o póde haver. Conheceu lord Bacon um sujeito que desejando experimentar em si os effeitos de uma suspensão parcial, falseou-lhe um pé em meio da operação, e esteve a sair-lhe cara a curiosidade, porque es-

tava já sem accôrdo quando quiz cortar a corda.

Declarou, porém, que não sentira dôr nenhuma, e que apenas via um lume, que se mudou para negro, e depois para azul-celeste. Este variar de côres é já de si uma aprazível cousa. Um certo capitão Montagnac, enforcado em França em época de guerras religiosas, e despendurado do triangulo a rogos do visconde de Turenne, lastimava-se por que, tendo em um instante perdido o sentimento da dôr, o haviam arrancado a uns resplandores de encanto indiscriptivel. Outro criminoso que se escapou da morte por ter quebrado a corda, disse que, apoz um segundo de sofrimento, vira luz, e para além d'essa luz uma formosa alamêda. Henrique IV mandou o seu medico que o interrogasse; e, quando lhe fallaram em perdão, respondeu friamente que não valia a pena. Seria superfluidade multiplicar exemplos: quem os quizer procure-os nos tractadistas de medicina legal. O que

de positivo se conclue é que a oppressão é instantanea, seguida de um immediato sentimento de prazer, e que se offerecem á vista diversas côres; e, vistas um instante, tudo mais se olvida. Estranho á realidade da situação, o espirito preoccupa-se em quadros que não têm nada commum com o espectaculo, em que os assistentes pascem a vista — a turba de milhares de cabeças, a forza execranda, e aquelle vulto que se balouça pendente da corda.

N'outro tempo, em Inglaterra, os amigos do padecente, naturalmente capacitados de que ha dôr emquanto ha vida, penduravam-se-lhe nas pernas afim de lhe abreviar as angustias com o supplemento do seu pezo: era, digamos verdade, uma triste satisfação para ambas as partes interessadas.

Nas furiosas innovações concomitantes da revolução franceza, n'aquelle periodo de universal mudança e melhoria de reformas, segundo o asseveravam os charlatães e os parvos

acreditavam, a mania reformadora chegou até á execução dos criminosos, e o doutor Guillotin, restaurando com alguns aperfeiçoamentos um antigo instrumento de supplicio, teve a honra de legar o seu nome a um filho adoptivo cujos labores lhe accentuaram a immortalidade. Dizia elle que com a sua maquina a luxação se fazia momentaneamente, e o padecente nada soffria. Alguem questionou que o padecente, longe de nada soffrer, soffria no momento da execução ainda e dez minutos depois; que a cabeça destroncada pensa ainda como se estivesse ligada ao tronco, e domina os seus movimentos; que os ouvidos ouvem, os olhos vêem e os labios esforçam-se por fallar. M. Sue, pae do romancista, cujas theorias ácerca da physiologia humana tinham grande ar de familia com as representações que o filho nos deu da natureza humana, chegou a sustentar «que o corpo sentia como corpo e a cabeça como cabeça.» A experiencia dos vi-

vos ensina-nos ao que nos devemos at-
tèr quanto á primeira d'essas affirma-
tivas.

Sempre que a communicação de um nervo sensorio com o cerebro é interrompida, a porção d'esse nervo sobposta á lezão deixou de sentir. Succede a miudo, em taes casos, que o poder muscular subsiste; mas a sensibilidade aniquilou-se. Dizer outro tanto da cabeça não se póde; porquanto, sendo ella o centro das sensações, não poderiamos, na degolação, concluir da insensibilidade do corpo pela do cerebro; mas far-se-hiam mister provas mais convincentes para demonstrar que a sensação sobrevive ao golpe; ora essas provas, pelo contrario, são tenuissimas. As suppostas manifestações de sensibilidade são as mesmas que se produzem n'outras especies de morte em que nós já sabemos que é extincta a dôr. Ha relêvos de horror nas feições dos enforcados, no instante em que de todo estão sem ac-

cordo ou serenos. Se quem, de perto, estudou os effeitos da guilhotina, estudasse tambem os outros generos de morte, reconheceria que os signaes subsequentes á degolação têm sómente de extraordinario a interpretação que lhes ligam. Agitam-se os labios convulsos ; a bocca faz esforços por fallar, dizem elles ; os olhos estão abertos e contemplam, portanto, o que se passa ; como se não fosse factó geral, em lances de morte violenta, vêr agitarem-se os beiços quando a intelligencia cessou de funcionar, e os olhos fixarem-se attentos quando o sentido da visão é extincto. Affirma-se, todavia, que os olhos dos decapitados se cravam ás vezes sobre objectos queridos ; mas, se a dôr, como pretendem, attingisse o seu paroxismo, a cabeça, em vez de se occupar em contemplações de parentes ou amigos, estaria absorvida em seus intoleraveis padecimentos. Provavelmente quem dá causa a esta illusão deve de ser os proprios parentes, cujos

olhares se fitam nos olhos do morto que se lhes figuram estarem contemplando-os tambem. De mais d'isso, não ha para que averiguemos a explicação de todos os factos maravilhosos. A poucas pessoas se occasionam observações exactas sobre o assumpto que vamos tratando, e menos ainda ha quem saiba observal-o competentemente. A imaginação do espectador está, n'esses conflictos, excitadissima, e póde portanto facilmente transformar qualquer movimento automatico em manifestação de sensibilidade ou esforço de vontade. Entre os factos ordinarios que se citam poucos são os baseados no testemunho de observadores idoneos; e a maior parte dos que se contam com extraordinario relêvo, taes como o rubôr que subiu ás faces de Carlota Corday quando o miseravel que mostrava a cabeça ao povo a esbofeteou, não ha testemunha alguma que os comprove. Repete-os toda a gente; mas ninguem lhes conhece a procedencia.

N'este ponto M. Sue, o pac, e os seus alumnos mostraram-se pouco exigentes. Falla um d'aquelles em um homem ou, mais em rigor, em uma *cabeça* de homem que volvia os olhos para onde a chamavam; «e, depois de haver assim engulido o camêlo sem difficuldade, melindrava-se em engolir o mosquito.» O auctor não se recorda bem se o individuo era Tillier ou de Tillier.

Com identico senso correm diversos escriptos sobre tal materia. Quanto a nós, crêmos que o golpe de cutello que divide a cabeça do corpo deve paralyzar inteiramente a sensação do cerebro, e que o peor é passado quando a cabeça está na alcofa.

Uns physiologistas que estiveram quasi a acreditar que o rei Carlos I andou e fallou meia hora depois que o degollaram, ainda se distanceiam de certos medicos polacos não duvidosos de que, aconchegando-se entre si as partes do corpo recentemente apartadas, fosse possivel reunil-as. Tama-

nha confiança tinham n'aquella absurda idéa que requereram e obtiveram a promessa de que a cabeça uma vez soldada aos hombros não seria novamente cortada ao condemnado quando elles o resuscitassem. Entre as curiosidades cirurgicas, encontramos o caso assaz comprovado de um militar que perdeu a ponta do nariz que lhe arrancaram a dente n'uma desordem. O soldado ergueu o bocado que lhe cuspiram ao lagêdo, depositou-o em casa de um cirurgião visinho, e, perseguindo o aggressor, voltou e fez ajustar o fragmento ao órgão competente. No dia seguinte, a soldura começou a operar-se, e, ao quarto dia, o nariz, restituído ao seu primitivo estado, occupava outra vez o seu posto no centro da cara. Póde ser que os citados doutores polacos fundamentassem suas esperanças em exemplos d'esta cathegoria; mas, com certeza, não attendiam a que o tempo é um dos elementos da cura, e que era mister entreter a vida em-

quanto se fazia o processo da adherencia; parece estarem persuadidos que a cabeça e tronco aproximados entre si se soldariam tão depressa quanto o algôz os separára. Tirante esses visionarios da Polonia, ninguem até ao tempo em que a guilhotina trabalhou em França, devaneou até cuidar que a vida ou a sensação possam sobreviver á separação entre a cabeça e tronco.

A decapitação era o genero de morte mais apreciado quanto mais honorifico. Lord Russel não exaggerou a opinião geral dizendo, momentos antes de morrer, que a dôr causada pela perda da cabeça era menor do que a causada pela extracção de um dente. O horror incutido pela guilhotina poderosamente actuou sobre as sentenças que ao depois se lhe applicaram. O instrumento inventado para castigo de criminosos volveu-se instrumento do crime, e naturalmente dardejou-se sobre a machina parte do opprobrio e rancor que votaram aos que a pozeram a funcionar.

O supplicio da roda foi um dos generos homicidas que fizera o officio da guilhotina. Encareceu-se a atrocidade d'este supplicio por mero espirito hostile a tudo que antecederia a revolução. Ao padecente amarrado na cruz de Santo André quebravam-lhe os membros com barras de ferro. Julgarse-ia que cada pancada era só por si uma morte; é, porém, certo que o famoso Mandrin riu quando lhe deram a segunda; e, como o confessor lhe reprehendesse o ar de galhofa, respondeu que se ria da sua propria ignorancia, porque pensára que a sensibilidade podia sobreviver á segunda pancada. A attitude do paciente, além d'isso, não é prova segura dos soffrimentos que o pungem. Os cobardes gritam de medo; os fortes, graças á energia de sua vontade, permanecem serenos em meio de atrocissimas angustias. Mandrin era um d'esses homens sobre cuja alma se embota o gume do ferro que lhe golpeia as carnes. Tam-

bem é possível que a sua indiferença haja sido mais ou menos fictícia. Como quer que fosse, é indubitável que o intento das pancadas dos marrões de ferro não era atordoar o padecente, e tornar-lhe o supplicio menos flagellante do que a nós se nos afigura. O corpo macerado passavam-no da cruz para a roda, com o dorso curvado sobre a circumferencia superior, e cabeça e pés pendentés. N'esta posição, dizem alguns escriptores modernos, deixavam *ordinariamente* o suppliciado a esvaír-se de vida, por espaço de longas horas, estorcendo-se na agonia e vociferando horridas blasfemias. Póde ser que algumas vezes assim acontecesse; mas não era esse o processo *ordinario*. Os reus condemnados ao supplicio da roda, tirante os culpados de crimes sobremodo repulsivos, eram previamente estrangulados. Quanto aos espedaçados em vida, acudiam-lhe afinal com o *golpe de misericordia*. Era uma pancada com a massa de ferro na

bocca do estomago, com o fim, quasi sempre aproveitado, de acabar com as torturas da victima. Essa pancada final determinava a paragem da respiração, e quasi infallivelmente a da sensibilidade.

Alguma cousa havia peor que a corda, que o cutello, e que a propria roda: era o fogo que se empregava como emblema das chammas infernaes, na obcecação das demencias theologicas, para devorar os adversarios religiosos. As pernas do bispo Hooper estavam já carbonisadas e o corpo abrazeado de queimaduras antes que as lavaredas o envolvessem de todo; depois o vento impelliu as chammas de lado, e duas vezes foi preciso cevar de lenha a fogueira antes que elle inclinasse a frente e expedisse o ultimo alento. Igual destino coube a Ridley. A lavareda abafada sobre a grande quantidade das achas não pôde romper, e já as extremidades inferiores se encineravam e ainda o corpo não estava queimado. Ridley ce-

deu levemente ao grito da natureza ; traíram-no as agonias dos derradeiros momentos. Hooper permaneceu immovel como o poste a que o amarraram ; por espaço de trez quartos de hora arrostou denodadamente a furia das lavaredas, e expirou afinal tranquillo como uma criança no seu berço. Mas o supplicio do fogo não é menos horroroso em dôres, e a paciencia heroica d'esses martyres foi um triumphar da alma sobre as torturas da carne.

AQUELLE em quem confiavam e esperavam os homens que assim entregavam seu corpo ao fogo, tambem trouxe amarissimo calix. O mais requintado supplicio que a barbaridade humana imaginou é o da crucifixão. Ha outros em que os padecimentos são momentaneamente mais pungitivos ; mas em nenhum se prolongam tanto. Faltava porém, no supplicio de Jesus, um augmento de tortura que a ignorancia de certos pintores fez acreditar que era parte nos flagellos. O pezo do corpo era

sustentado por uma travessa de pau fixa a meio da haste da cruz, e não por mãos e pés que não podiam de certo resistir ao pendôr do corpo. Sem isto, ainda ha de sobra dôres que dêem a preeminencia ao supplicio da cruz. A cravagem era afflictissima principalmente pelas consequencias. Os pregos envenenavam-se, as chagas inflammavam-se, o mal local determinava febre geral, a febre uma séde violenta; porém, o maximo soffrimento para o desgraçado nas garras de tamanho tormento era estar immovel em uma posição que não lhe consentia contorcer-se.

Cada esforço que fazia para alliviar os musculos, cada movimento involuntario provocado pela dôr causavam-lhe novos e agudissimos soffrimentos; e tal tortura que devia ir progredindo até que o avisinhar da morte começasse a entorpecê-lo, durava, pelo menos, dous ou trez dias.

Muitos supplicios bastantemente

analogos á crucifixão, mas differentes pelo modo como o corpo era atado, foram já communs, e não estão ainda de todo obsoletos. Que pinguem um homem na cruz, que o dependurem em ganchos ou o encravem em estacas, a analogia das suas'dôres deve ser muita, e qualquer particularidade que lhe ajuntarem aos tormentos ser-lhes-ha bom para lh'os aligeirar. Maundrell nos deu, de outiva, uma descripção do supplicio dos empalados, como se usava em Tripoli — supplicio que, a fallar verdade, se avantajava a todos. E' uma estaca, da grossura de uma perna de homem, e aguçada para a ponta, cravada no chão pela outra extremidade. Depois, apontando a parte aguda entre as coixas do padecente, atiravam-no para cima d'ella, como quem dependura no gancho uma peça de carne, até que a ponta o perfurava até ás espaldas. N'esta situação ficava um dia e uma noite, algumas vezes, procurando aligeirar os tedios, fuman-

do, bebendo e conversando. Maundrell é escriptor benemerito de creditos ; mas, n'esta especialidade, sem duvida adormeceu, ou então a anatomia do corpo humano soffreu depois grandes mudanças. Uma raça de seres que podessem aguentar, sem morrerem logo, a introdução de um pau da grossura de uma perna atravez dos órgãos da vida, e assim traspassados, de lado a lado, se entregassem durante vinte e quatro horas, a passar o tempo mais ou menos agradável, uma raça de seres assim duros de vida e de tamanha insensibilidade ás dôres, careceriam de se lhes inventarem tormentos novos conformes a uma tão extraordinaria compleição ; porém, com as nossas delicadas organizações, a natureza de per si marcou limites á crueza do homem ; e as torturas, ultrapassando determinadas raias, não acertam no scopo a que miram.

FIM



LIVRARIA PORTU
121 - RUA DO AL
PORT

ALBINO DA SILVA

MANOEL MARIA RODRIGUES
A Rosa do Brasil, romance, 1900
A Rosa do Brasil, 1900
A Rosa do Brasil, 1900
A Rosa do Brasil, 1900

1900

JULIO SANDAU
A Rosa do Brasil, romance, 1900
A Rosa do Brasil, 1900

ALFREDO CAMPOS

A Rosa do Brasil, 1900

A Rosa do Brasil, 1900

1900

1900

LIVRARIA PORTUENSE—EDITORA

121 — RUA DO ALMADA — 123

PORTO

ALGUMAS DAS EDIÇÕES E OBRAS DE FUNDO

- | | |
|--|---|
| MANOEL MARIA RODRIGUES
<i>A Rosa do Adro</i> , romance original, 2. ^a edição. 1 vol. 500 | com um prologo de M. Pinheiro Chagas. 1 vol. 500 |
| JULIO SANDEAU
<i>Maydalena</i> , romance, versão de A. Campos. 1 vol. 500 | EMILIO CASTELLAR
<i>Vida de Lord Byron</i> , traduzida da 2. ^a edição por M. Fernandes dos Reis. 1 volume. 500 |
| ALFREDO CAMPOS
<i>A cruz de brilhantes</i> , chronica d'aldeia. 1 vol. . . . 500 | PONSON DU TERRAIL
<i>Os estudantes de Paris</i> , em continuação— <i>A casa do diabo</i> , romance. 2 vol. . 800 |
| D. GUIOMAR TORREZÃO
<i>A Família Albergaria</i> , romance historico original. 1 vol. 500 | <i>A Peste Negra — Nos Alpes</i> , romance. 1 vol. . . 200 |
| <i>Rosas pallidas</i> , narrativas originas; precedidas de uma carta-prologo de Thomaz Ribeiro, com retrato. 600 | JOSÉ C. L. B. JUNIOR
<i>Mysterios d'aldeia</i> , romance original. 1 vol. 500 |
| M. PEREIRA LOBATO
<i>Os fidalgos do coração de ouro</i> , chronica do reinado de D. Sebastião. 2 vol. . . 1\$000 | A. ACHARD
<i>A tunica de Nesso</i> , romance, versão port. 1 vol. . . 500 |
| D. A. M. RIBEIRO DE SÁ
<i>Mathilde</i> , romance original, | HENRI CONSCIENCE
<i>A sepultura de ferro</i> , romance, versão portugueza. 1 volume. 500 |

EM PUBLICAÇÃO

A FORMOSA LUSITANIA

VERSÃO PREFACIADA E ANNOTADA

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição de luxo, adornada com 20 gravuras representando vistas e monumentos de Portugal. Publica-se por assignatura, ás cadernetas, e distribuem-se regularmente duas vezes cada mez.

Preço de cada caderneta, 250 reis. Tomam-se assignaturas para a obra completa, em um luxuoso volume, por 3\$800 reis. Depois de concluida a obra ser-lhe-ha elevado o preço.

